

#NãoFoiAcidente: as disputas narrativas no Twitter sobre o desastre da Samarco no Rio Doce¹

Ricardo AIOLFI²

Fabio Gomes GOVEIA³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

O rompimento de uma barragem de rejeitos de minério de ferro em novembro de 2015 marca para sempre a história de uma das principais bacias hidrográficas do sudeste brasileiro. O Rio Doce é tomado pela lama de rejeitos da Samarco, afetando a subsistência de comunidades tradicionais e o abastecimento de água de diversas cidades em Minas Gerais e Espírito Santo. Esta pesquisa busca compreender as controvérsias no Twitter em torno do desastre no Rio Doce entre os dias 5 e 27 de novembro de 2015.

Palavras-chave: sociologia do desastre, rio doce, redes sociais, controvérsias, *Twitter*.

Introdução

No dia 5 de novembro de 2015, o rompimento da barragem de Fundão da empresa Samarco⁴, no município de Mariana (MG), tomou as páginas dos jornais. A estimativa é que entre cinquenta e sessenta milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério tenham sido lançados sobre o distrito de Bento Rodrigues, no mesmo município. No dia seguinte, a tragédia foi anunciada para a Bacia Hidrográfica do Rio Doce e, conseqüentemente, chegaria ao Espírito Santo.

Segundo estudo da Bowker Associates⁵ (empresa de consultoria de gestão de riscos à construção pesada), o rompimento das barragens é considerado o maior desastre ambiental deste gênero em nível mundial, tendo volume equivalente aos outros dois maiores do tipo, ambos nas Filipinas, um em 1982, com 28 milhões de m³, e outro em

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo. Graduado em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela mesma instituição. Bolsista da Capes e integrante do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic). E-mail: ricardoaiolfi@gmail.com.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição pela qual também é mestre em Comunicação e Cultura. Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor adjunto do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordena o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic). E-mail: fabiogv@gmail.com

⁴ A Samarco é uma empresa brasileira de mineração fundada em 1977 e controlada por dois acionistas: BHP Billiton Brasil e Vale S.A. O principal produto são pelotas de minério de ferro comercializadas para a indústria siderúrgica. <http://www.samarco.com/institucional/a-empresa/>

⁵ Rompimento da barragem da Samarco: Desastre em Mariana é o maior acidente mundial com barragens em 100 anos. Instituto Humanitas Unisinos. Publicada em: 19/01/2016. <https://goo.gl/vgZq2i>

1992, com 32,2 milhões de m³ de lama. O percurso de 600 quilômetros percorrido pelos rejeitos de minério até o oceano também é considerado recorde mundial. Em segundo lugar, fica um registro ocorrido na Bolívia, em 1996, com 300 quilômetros de percurso.

A tragédia alterou significativamente o cenário do Rio Doce, as dinâmicas econômicas da população (dos pescadores, por exemplo), a vida e a cultura das populações ribeirinhas e até o fornecimento de água nos municípios. No Espírito Santo, a lama atingiu três municípios (Baixo Guandu, Colatina e Linhares) chegando até o mar de Regência, em Linhares, em 22 de novembro de 2015.

A trajetória dos rejeitos foi acompanhada em tempo real pelos jornais que “flagravam” a chegada da lama aos diversos municípios do percurso do Rio Doce até o despejo no oceano, registrado como o mar de lama⁶ em Regência. Devido à gravidade da situação, a presidente Dilma Rousseff (PT) chegou a visitar, em 12 de novembro de 2015, os locais atingidos propondo soluções para os problemas e punição para as empresas.

A primeira explicação para o rompimento das barragens foi a de que um tremor de terra teria atingido a região, o que ausentaria a Samarco da responsabilidade pelo desastre, que, nesta visão, teria uma causa “natural”. A mídia propagou a versão da empresa em suas páginas, chamando o desastre de Mariana de “acidente”, isto é, uma casualidade do destino fora de controle dos detentores das barragens, logo não passível de punição. Esta abordagem gerou revolta entre usuários das redes sociais.

Com as hashtags #SOSRioDoce e #NaoFoiAcidente, usuários cobram punição aos responsáveis pela tragédia, a reparação dos danos ambientais, além de auxílio para os atingidos e afetados pelo desastre. Como as redes sociais se configuram como local de embate, houve também a defesa da Samarco, com a hashtag #SomosTodosSamarco, por usuários que valorizavam as questões econômicas da empresa.

Uma cobertura colaborativa do desastre se formou nas redes sociais, com informações que criticavam as abordagens da mídia, os acordos do Estado com a empresa, a demora no auxílio aos atingidos e na tomada de decisões sobre o destino dos rejeitos. No âmbito político, Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI) se formaram para averiguar o caso e a responsabilidade das empresas. A composição das CPIs, entretanto, foi alvo de críticas devido a presença de políticos que tiveram suas campanhas financiadas pela Samarco e pela Vale. Fato marcante também foi a primeira

⁶ FOTOS: rejeitos fazem da praia de Regência um mar de lama. G1 Espírito Santo, publicado em 24/11/2015. <http://g1.globo.com/espirito-santo/fotos/2015/11/fotos-rejeitos-fazem-da-praia-de-regencia-um-mar-de-lama.html>

coletiva do governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel, sobre o desastre, marcada na sede da Samarco⁷.

O desastre virou motivo de disputa entre as justiças estaduais (MG e ES) e Federal, a partir de decisões divergentes sobre a chegada ou não da lama ao mar⁸. Os Termos de Ajuste de Conduta (TAC) firmados entre governos estaduais e empresas também seguiram para os tribunais. Para evitar a extinção da fauna e flora do Rio Doce, uma operação foi feita junto aos pescadores para a transferência da biodiversidade para outro local. Um ano e meio após a tragédia, o destino do Rio Doce ainda é indefinido. As indenizações, as multas e a reparação ao rio ainda seguem em disputa judicial.

A chegada da lama ao oceano, encarado quase como o fim de uma novela, não foi vista com bons olhos pelos ambientalistas, que alertavam para os riscos às espécies marinhas, em especial as que realizam a reprodução na região de Regência, como também a extensão que os rejeitos iriam assumir ao se dissipar no mar. Do ponto de vista social, para além das dificuldades de captação de água, Regência enfrenta uma alteração cultural na rotina da população e em seu estilo de vida, pautado principalmente pelo contato com o rio e com o mar, como nas atividades da pesca e de turismo.

Os impactos ganharam repercussão nacional, tendo cobertura também de veículos, como Folha, Estadão, TV Globo, entre outros. Numa história marcada de contradições, informações desencontradas e danos socioambientais difíceis de reparação, esta pesquisa visa analisar as disputas narrativas no Twitter, a partir das controvérsias produzidas na utilização das hashtags #NãoFoiAcidente, #SOSRioDoce, #Samarco, #Vale e das palavras rompimento e barragem.

Desastres e redes sociais

Foi-nos revelado que as coisas estão mudando, mudando rapidamente, e não para o bem da vida humana “tal como a conhecemos”. Por fim, e sobretudo, não temos a menor ideia do que fazer a respeito. O Antropoceno é o Apocalipse, em ambos os sentidos, etimológico e escatológico. Tempos interessantes, de fato (Danowski & Viveiros de Castro, 2015, p.35).

Tema polêmico no imaginário humano, o fim do mundo, antes tratado como profecia de povos antigos, em obras de ficção ou fruto de astros se chocando contra a

⁷ Pimentel dá coletiva de imprensa na sede da Samarco. Publicado em 8/11/2015. <https://goo.gl/x2t3i9>

⁸ Justiça Estadual determina que Samarco libere chegada de lama do Rio Doce no mar. Estadão. Publicado em 22/11/2015. <https://goo.gl/inU1ZW>

Terra, toma corpo quando a Ciência reconhece que o planeta passa por uma nova era geológica, o Antropoceno, marcado pelo homem não mais como um agente biológico, mas propriamente uma força geológica. Para Viveiros de Castro e Danowski (2014), que discutem este fim do mundo já em curso, a causa está no capitalismo com o incentivo a um modelo de crescimento e a um modo de vida baseado no consumo desenfreado. O planeta, representado como um sistema vivo, responde a esta produção desenfreada com as mudanças climáticas, como o aquecimento global, enchentes e tornados.

Em uma visão até mesmo apocalíptica, os autores acreditam que este sistema envia sinais de exaustão que são sentidos em diferentes pontos do mundo como desastres cada vez mais difíceis de serem previstos, visto a velocidade com que essas alterações têm ocorrido. Os autores argumentam ainda que o Antropoceno se inicia com o homem, mas, muito provavelmente, terminará tempos depois da extinção humana.

Stengers (2015) também faz reflexões sobre o impacto desta economia global (marcada pelo consumo) na existência humana. Para a autora, não se trata de estar de frente a uma natureza que precisa ser protegida, mas sim de encarar que estamos diante de uma natureza que é capaz de incomodar nossas vidas, desejos e saberes (p. 11). Stengers também caracteriza o planeta Terra como um organismo vivo, nomeando-o como Gaia (em referência à divindade grega), capaz de impor limites a uma expansão contínua da produção e do consumo no planeta.

Stengers critica a “pegada sustentável” vendida à sociedade para seus modos de vida, enquanto as políticas adotadas pelos governos são de “soltar as rédeas do crescimento”, numa ideia até mesmo criminosa. A manutenção deste sistema, para a autora, consiste na concessão de benefícios às empresas (o que as faz competitivas no cenário global), enquanto o Estado arca com os riscos desta produção sem controle.

Santos (2015), ao lidar com esta dinâmica do capitalismo global, defende que haja outro modelo de globalização, em marcos diferentes do atual, apresentado como fábula (aquilo que nos fazem crer) e perversidade (aquilo que realmente é, como as epidemias globais, a destruição do meio ambiente, o desemprego). Defende ainda que o Estado deixou de lado as demandas sociais para voltar-se às necessidades das grandes empresas. A face da fábula, representada pelos meios de comunicação, trata de difundir os “benefícios” do consumo no mundo capitalista.

Neste misto de fábulas e perversidades locais e globais, marcado pela atuação do capital e pelo Estado como defensor dos interesses empresariais, o rompimento das barragens em Mariana chama a atenção não só pelos danos ambientais, mas ao levantar discussão sobre a construção narrativa que sustenta essa fábula, a responsabilidade das empresas na tragédia, do Estado na fiscalização e na aplicação das leis ambientais e até mesmo para a eficácia e severidade da legislação ambiental no País. A hashtag #NãoFoiAcidente materializa esta discussão ao questionar a versão oficial das empresas de divulgar que um tremor de terra teria causado o rompimento das barragens, o que colocaria a Samarco como vítima neste processo.

Apesar das barragens de Mariana terem ganhado destaque apenas após a tragédia, a Sociologia do Desastre defende que o desastre deve ser analisado para além do tempo cronológico (isto é, do momento da tragédia), numa esfera do tempo social, onde o tempo antes e depois da tragédia é visto como parte integrante do desastre, que tem como base, principalmente, as mudanças na vida dos atingidos.

“O mais relevante, em primeiro lugar, é o entendimento do desastre como crise, em ocorrência num tempo social; isto é, num tempo que não meramente o cronológico (SOROKIN, 1942). Sob o aspecto da gestão pública, o desastre é um evento sociocultural, não passível a gerenciamento por sistemas tecnocráticos (HEWITT, 1998). O ponto de vista do afetado – em seus vieses de gênero, etário, étnico e outros – deve ser visto como igualmente válido; no que complementa Enrico Quarantelli (2005): “desastre é uma crise que exige foco no processo coletivo de planejamento” (Valêncio, IN: CFP, 2011, p.21).

Valêncio (2010, p.5) critica, assim, a cobertura midiática (e suas narrativas), já que os conteúdos jornalísticos tendem a colocar o desastre como um fato passado, desconsiderando os processos sociais anteriores ao desastre e reduzindo suas consequências. Avalia ainda que o viés de classe social é nítido ao definir a intensidade e duração do sofrimento vivenciado pelos afetados por tragédias.

Baseando o bem-estar da população no trinômio família-moradia-trabalho, Valêncio (2010, p.7) avalia que as políticas públicas e sociais ao lidar com vítimas de desastre são insuficientes para garantir a integralidade do sujeito. As afirmações de Valêncio são baseadas nos aspectos afetivos da população como parte integrante do desastre, como o afastamento da vida comunitária já estabelecida, o distanciamento do território, perda de bens materiais, simbólicos e de entes queridos, além de objetos de memória. Todo o cotidiano e estilo de vida da população afetada é alterado por conta do curso da tragédia. Assim, o desastre não deve ser encarado de forma natural, mas sim por uma disputa de narrativa entre os diferentes entes envolvidos.

É relevante destacar que o embate em torno da definição de desastre é crucial, pois envolve uma mal disfarçada disputa pelo poder de influir nas arenas decisórias, bem como na cena desoladora. Embora o desastre seja um acontecimento social trágico – definição sociológica em torno da qual há relativo consenso – vários são os planos em que ele ocorre. Há um plano simbólico, no qual atuam e disputam diversas e, não raro, divergentes interpretações do fenômeno. E há um plano concreto, que imiscuiu dimensões socioambientais, sociopolíticas, econômicas. Tanto no plano simbólico quanto no plano concreto, um fenômeno de desastre circunscreve múltiplas e diferentes vivências (Valêncio, IN: CFP, 2011, p.22).

Segundo Valêncio & Valêncio (2010, p.11), uma forma de medir a incapacidade do Estado ao prevenir desastres é por meio dos decretos de calamidade pública ou emergência, o que permite que movimentações financeiras sejam feitas pelo Estado sem licitação ou de formas mais flexíveis para atender aos atingidos. Os autores contabilizaram 11.992 ocorrências no período entre o primeiro semestre de 2003 e o primeiro de 2010. Isso, segundo os autores, representaria que, no período, todos os municípios do Brasil enfrentaram ao menos dois desastres (2,15, precisamente). Assim, os autores classificam que o desastre, no Brasil, é um projeto de poder.

No caso das barragens, Gonçalves (apud Valêncio, 2010, p.189) afirma que simbolizam o progresso e "*passam a ser a materialização de relações sociais de poder sobre a natureza e sobre um determinado lugar no intuito de modernizar práticas e alterar ou manter relações sociais no contexto local ou nacional*". Nesta lógica de discurso, as barragens passam a ser encaradas não como geradoras de vulnerabilidade, mas como promotoras do progresso que retira essas comunidades do atraso.

Relevante para a discussão sobre o embate narrativo em torno dos desastres está a contextualização do funcionamento da mídia no Brasil, já que, na disputa de narrativa, ela é um dos principais atores a impulsionar e dar voz às versões oficiais de governos e empresas nos desastres. Para Ramonet (apud MORAES, p. 246, 2010), a mídia é “o aparato ideológico da globalização”, isto é, o mecanismo utilizado para que se difunda e faça com que a globalização, regida pelos processos econômicos e poderio das empresas, possa ser aceita e até mesmo defendida pela população. Assim sendo, para Lima (2015), o papel mais importante da mídia decorre da capacidade de poder, a longo prazo, construir a realidade por meio da representação que faz dos diferentes aspectos da vida humana. Essas representações “forjadas” pela mídia tem origem diretamente em suas relações políticas e econômicas com parlamentares e empresas, destacando, em geral, o interesse de seus anunciantes (sejam governantes ou empresas).

Castells (2015, p.101) detalha, inicialmente, dois tipos de comunicação, uma interpessoal (em que a relação se dá entre dois pontos de forma interativa) e outra que

seria a comunicação de massas, um modelo unilateral em que um emissor emite mensagens a um grande grupo de receptores. Com o surgimento da internet e das redes sociais, Castells sugere um novo tipo de comunicação interativa, desta vez feita de muitos para muitos, podendo ocorrer em tempo real ou num período programado, o que ele denominou de autocomunicação de massas.

Apesar da grande influência dos oligopólios de mídia no Brasil (que tem suas extensões na rede mundial de computadores), intensifica-se, com as redes sociais, a possibilidade de contestação das informações veiculadas por essas mídias, bem como de suas relações políticas e econômicas. Assim, as interações entre os usuários constituem uma forma de se aproximar de seus pares e alcançar públicos que apresentem sentimento de revolta semelhante. O espaço público dos movimentos sociais passa a ser construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado, ligando o ciberespaço ao espaço urbano numa interação implacável, constituindo comunidades instantâneas de prática transformadora (Castells, 2013, p.16).

Dado ao fato da Internet ter se tornado, no campo da circulação midiática, uma mídia de vazamento, o controle da produção da informação também mudará de função. No lugar de bloquear a informação, sonegá-la, há algo compartilhado tanto pelas fontes estatais, quanto pelos próprios veículos tradicionais de comunicação (parte do seu valor será extraída das chantagens e promiscuidade com determinadas figuras do poder). A Internet ocupa assim um hiato entre um poder pós-moderno que sonega e uma sociedade que se libera dos antigos polos de emissão. (MALINI & ANTOUN, 2013, p.198-199).

A noção de território, assim, ultrapassa o limite dos pares de uma rede off-line e passa a integrar as interações em redes sociais, visto que estamos imersos em um ambiente de rede composto por dados, dispositivos, processos e ferramentas que já não nos permitem dissociar o espaço virtual do real.

Uma forma de analisar esta complexa rede de atores sociais diversos é por meio da Teoria Ator-Rede (TAR), em que o social deve ser observado a partir da associação (arestas ou ligações) entre seus atores (nós), humanos ou não (LATOURETTE, 2012). A teoria pode ser aplicada a redes virtuais ou não e seus atores são definidos a partir do papel que desempenham, pela intensidade de atuação e repercussão e também pela quantidade de efeito que produzem em suas redes. A TAR detalha as redes como sistemas dinâmicos, produzidos pela associação ou composição de atores humanos e não humanos, que surgem e se desfazem pela dinâmica das relações (LEMOES, 2013).

Dentro dessas redes que fundem o mundo virtual com o mundo off-line, Bruno Latour (2012, p.687) destaca que nossas conversas e interações na internet são responsáveis por

produzir “rastros digitais”, causados direta ou indiretamente por humanos e que podem ser facilmente recuperados. Esses rastros podem ser objeto de estudo a partir de suas coletas por meio de aplicativos, formando grandes bancos de dados (*datasets*). Esse grande conjunto de dados, não possível de ser manipulado por softwares comumente utilizados no computador, convencionou-se chamar de *Big Data*.

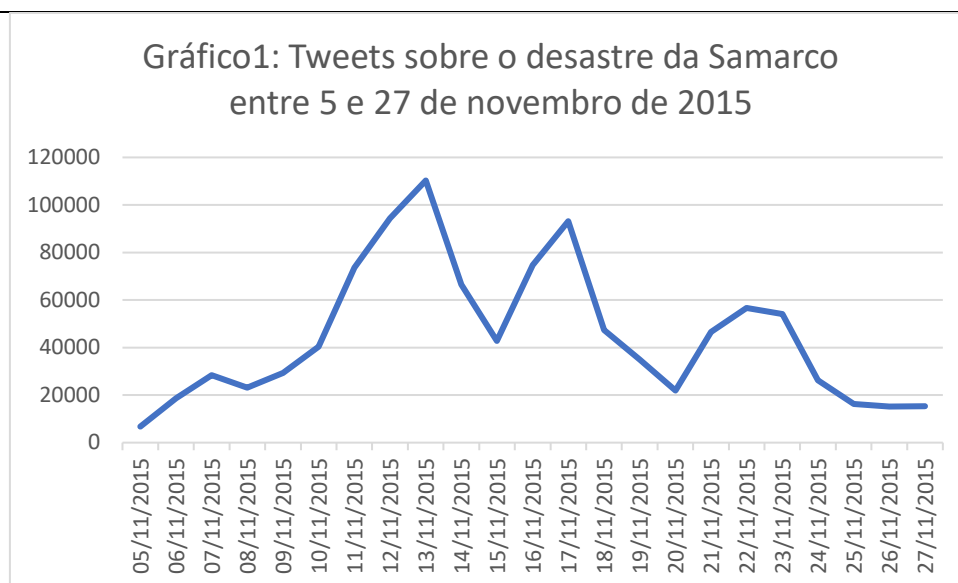
A Cartografia das Controvérsias, técnica inspirada nos fundamentos da Teoria Ator-Rede, utiliza-se destes rastros deixados pelos usuários nas redes, bem como suas conectividades, para representá-las de diversas maneiras. “As controvérsias, segundo Tommaso Venturini (2010), são um debate a respeito de uma técnica ou fato científico que ainda não foi determinado; é se confrontar com formas de conhecimento que ainda estão instáveis, sobre as quais não existe um guia claro” (MEDEIROS, 2016, p.47).

Medeiros (2016, p.48) lista ainda cinco características das controvérsias expostas por Venturini (2010). São elas: (1) Controvérsias envolvem diversos tipos de atores; (2) Controvérsias demonstram o social em sua forma mais dinâmica; (3) Controvérsias são “resistentes à redução”; (4) Controvérsias são debatidas; (5) Controvérsias são conflitos.

Metodologia

A partir da coleta de termos e hashtags no Twitter, esta pesquisa pretende analisar os principais atores e pontos de vistas coletivos na rede social em torno da temática do desastre da Samarco no Rio Doce. Para a realização desta pesquisa, utilizei os dados coletados no *Twitter* pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) entre os dias 5 e 27 de novembro de 2015, isto é, do momento da tragédia até cinco dias após a chegada da lama ao mar. Foram coletados os termos #NãoFoiAcidente, #SOSRioDoce, #Samarco e #Vale. Tanto a coleta, quanto o processamento dos dados são feitos pelo script Ford, desenvolvido pelo Labic. A escolha pelo Twitter se deu pelas opções de privacidade dos tweets, que, nesta rede, já são definidos por padrão como públicos, isto é, acessível a qualquer usuário.

Dentro desta faixa de tempo (22 dias), foram coletados um total de 1.036.640 tweets, sendo que 471.650 (45.50%) são tweets únicos. Ao mesmo tempo, estes tweets geraram um total de 527.279 (50.86%) republicações (retweets), além de 37.711 (3.64%) respostas, identificados por meio de uma menção a um usuário no começo do texto, iniciado com um símbolo de @ (arroba). O maior número de tweets pode ser visto em 13 de novembro de 2015, atingindo 110.290 postagens na rede.



O processo de visualização utiliza os dados sistematizados nos *datasets* para gerar representações gráficas dos universos das redes. Os grafos (redes complexas) são compostos por nós (que são os perfis) e arestas (que é a interação entre os usuários, como *retweets* e *replies*) que permitem estudar a conectividade na rede de atores ou pensamentos (como as *hashtags*). Quanto maior a interação entre os usuários, mais próximos eles se localizam no grafo. Esta visualização é gerada pelo programa *Gephi*.

A Cartografia das Controvérsias se utiliza desses grafos para poder encontrar as controvérsias contidas nas redes. É possível ainda separá-las por perspectivas e analisá-las separadamente, gerando resultados mais profundos sobre cada perspectiva. "*A tarefa do pesquisador de rede é a de compreender as disputas, as posições, as parcerias, as controvérsias, as associações, isto é, as perspectivas inscritas nas relações em rede*" (MALINI, 2016, p.9). O perspectivismo, para atingir tal fim, entende que o sujeito é pertencente a uma perspectiva e não o contrário.

#NãoFoiAcidente: a rede em busca de informações

Sendo as *hashtags* (#) os indexadores de conteúdo no *Twitter*, podemos observar a adesão dos usuários a marcações que buscam culpabilizar as empresas donas das barragens de rejeitos pela tragédia ocorrida em Mariana e no Rio Doce. Dentre elas, estão #NãoFoiAcidente, #SamarcoNãoFoiAcidente, #ValeMata, #ValeNada, #ValeAssassina, #ValeDeLama, #CrimeAmbiental, além do próprio nome das empresas: #Samarco, #Vale e #Bhp, #BhpBilliton. Apesar da existência da *hashtag* #SomosTodosSamarco no *Twitter*, a marcação foi utilizada, em grande parte, como uma ironia ao movimento surgido em defesa da mineradora.

No *dataset*, ainda é notável a associação de partidos e figuras políticas brasileiras ao desastre e a uma possível negligência do governo ao fiscalizar as barragens brasileiras. As hashtags #ForaDilma, #PTTerror, PSDB representam bem esta movimentação. O PT, poucas semanas antes da abertura do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e o PSDB, partido que governou Minas Gerais na última

	<i>Hashtag</i>	<i>Usuários</i>		<i>Hashtag</i>	<i>Usuários</i>
1-	mariana	9797	11-	forcamariana	851
2-	sosriodoce	8334	12-	rotadalama	769
3-	naofoiacidente	7000	13-	prayforworld	722
4-	samarco	5133	14-	bentorodrigues	711
5-	vale	3477	15-	valeassassina	695
6-	riodoce	2945	16-	meioambiente	625
7-	sosmariana	1351	17-	ripriodoce	570
8-	mg	1285	18-	valedelama	546
9-	marianamg	917	19-	brasil	542
10-	bhp	885	20-	paris	540

Tabela 1 – Número de usuários que utilizaram cada hashtag

Conforme a tabela 1 demonstra, as vinte hashtags mais utilizadas durante o período da análise demonstram a negação da rede de que o desastre em Mariana e no Rio Doce fosse uma casualidade do destino. #NãoFoiAcidente ocupa a terceira posição no ranking das marcações mais utilizadas, ficando atrás apenas de #Mariana e #SOSRioDoce.

Junto a isso, a Samarco, a Vale e a BHP Billiton tiveram seus nomes associados diretamente ao desastre, numa espécie de responsabilização da rede aos detentores da barragem rompida. Algumas hashtags carregam em si um sentimento fúnebre e até mesmo acusador. É o caso do #RIPRioDoce, #ValeDeLama e #ValeAssassina.

Na análise de rede de retuítes (Figura 2), percebemos cinco grupos de atores que, apesar de integrarem diferentes correntes na sociedade, compunham uma rede densa com discursos bastante similares. A diferença nas perspectivas se dá, principalmente, nas intencionalidades dos grupos que compartilham cada ator dentro da rede.

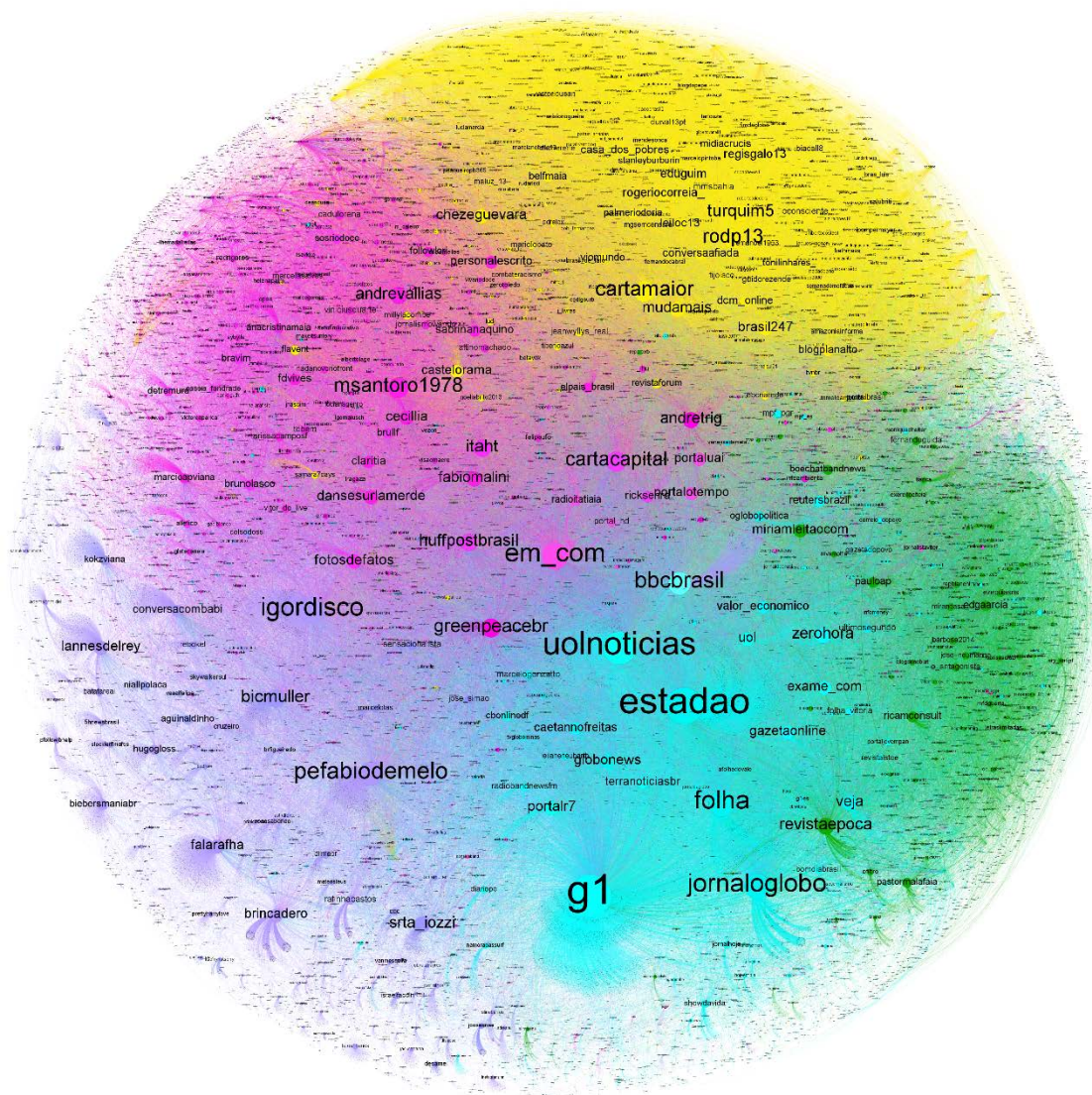


Figure 2- Grafo com rede de retuites que interagiram com as hashtags ligadas à tragédia de Mariana entre 5 e 27 de novembro

Cor	Nós	Arestas
Azul	36.395	62.910
Lilás	26.646	30.278
Rosa	22.864	39.097
Amarelo	8.063	37.883
Verde	6.774	11.692
Total	100.742	181.860

Tabela 2 – Número de nós e arestas por rede

Ao centro do grafo, ficaram os veículos jornalísticos, de linhas editoriais

distintas. Acredito que este posicionamento seja devido ao caráter imediatista das informações divulgadas em torno da tragédia. A vontade de saber o que estava ocorrendo, tanto no trajeto da lama, quanto às consequências e a punição aos responsáveis podem ter sido impulsionadores para que a imprensa ocupasse papel central no grafo, como um início da distribuição de informações em torno da tragédia.

Com a cor azul clara, está a rede noticiosa, composta basicamente por veículos de comunicação nacionais e regionais (no caso, do Espírito Santo e Minas Gerais), dentre eles o G1, Estadão, Uol Notícias, Gazeta Online e Globo News. Este agrupamento se deu pela característica padrão de noticiário, com foco na factualidade, com teor menos opinativo. É a rede que possui maior número de nós (36.395) e de ligações (62.910).

A rede lilás é formada por perfis que trabalham majoritariamente o humor em suas postagens habituais e que, no momento do desastre, tentaram criar uma rede de solidariedade buscando donativos aos afetados pelo rompimento da barragem. Alguns perfis se valeram da ironia como uma forma de cobrar punição aos responsáveis. Os destaques desta rede são @pefabiodemelo, @igordisco, @srta_iozzi e @bicmuller.

A principal postagem desta rede é de @igordisco: “*Que ironia maluca pensar que a Vale do Rio Doce, após privatização, não apenas tirou Rio Doce do nome como tirou Rio Doce do mapa.*”. Esta é uma rede com 26.646 nós e 30.278 arestas.

A rede rosa é composta por ativistas, pensadores, professores ligados à esquerda dos novos movimentos sociais, como feministas, ciberativistas, entre outros. Nesta rede, percebe-se um posicionamento mais incisivo de ataque às mineradoras e aos governos estaduais e federal, além de uma cobrança por punição aos responsáveis pela tragédia.

Alguns veículos de comunicação, como o jornal Estado de Minas (@em_com) e o @portalotempo – que não possuem uma linha editorial de esquerda, e a @cartacapital ocuparam espaço nesta rede já que tiveram posicionamento mais crítico aos acontecimentos. Um dos questionamentos trazido nas postagens é sobre os lucros da Samarco frente aos valores das multas aplicadas e sobre a assistência prestada aos afetados pela tragédia. Esta rede alcançou 39.097 ligações com 22.864 nós, mostrando uma forte integração entre os atores.

A rede amarela é composta por atores ligados à esquerda mais tradicional com viés mais partidário, como apoiadores de partidos como o PT e o PCdoB. Podemos destacar os perfis @CartaMaior, @Brasil247, @rodbp13 e @casa_dos_pobres. Com

8.063 nós, a rede teve 37.883 arestas, apresentando-se como uma rede bastante densa. Nela, os atores também cobravam punição aos responsáveis pela tragédia.

Por fim, a rede de cor verde reuniu perfis ligados ideologicamente a posicionamentos de direita. Os retuítes aqui se concentraram no compartilhamento de informações sobre o desastre sem um viés forte de opinião sobre a temática. No grafo, esta rede localiza-se ao lado dos perfis de imprensa e não possuiu grande alastramento pela rede. Foram 6.774 nós com 11.692 arestas. É importante frisar que, mesmo sem o alcance que tiveram as outras redes, estes atores não possuíam posicionamento claro favorável às mineradoras. O destaque desta rede é a jornalista Miriam Leitão.

Conclusão

As controvérsias em torno do desastre da Samarco no Rio Doce foram extensas e bastante demonstradas na rede ao longo dos primeiros 22 dias da tragédia. No Twitter, uma rede marcada pela instantaneidade, nas mensagens curtas, porém assertivas sobre a temática, houve penetração em todos os grupos sociais brasileiros.

Apesar de alguns posicionamentos mais recatados em torno do tema, não havia na rede um grupo organizado (ou que tivesse se proposto) a defender as mineradoras diante da maior tragédia ambiental brasileira. Como a tragédia se desenrolava em tempo real com narrativa midiática e de ativistas sobre o tema, cada grupo buscou, dentro de sua rede, perfis que dialogassem com suas formas de pensar os acontecimentos.

A mídia, ao contrário do que muitos afirmaram, não se omitiu diante do processo de informar sobre o desenrolar da tragédia, mesmo que assumindo papéis menos críticos (opinativos) sobre o rompimento da barragem. Pelo grande número de ligações da rede azul, é possível perceber que a mídia ocupou papel central na disseminação de informações sobre o desastre, enquanto outros grupos (como a rede rosa) traziam questionamentos e aprofundamentos acerca dessas informações.

Aparece como essencial o papel desempenhado por movimentos sociais já organizados em torno do Rio Doce para a disputa narrativa de não aceitar o discurso de um acidente (de uma casualidade do destino). A divulgação de que um tremor de terra teria causado o desastre não foi aceita pela rede devido aos movimentos já existentes que questionam o uso irresponsável que as grandes corporações fazem em torno do meio ambiente. O papel do governo, como fiscalizador, também é posto à prova.

A hashtag #NãoFoiAcidente demonstra essa insatisfação com a negligência do poder público e empresarial. O desastre da Samarco no Rio Doce nas redes representa o vigor da articulação para questionar as narrativas do poder em torno dos desastres. Pressiona antigos atores, como a imprensa e políticos, a adotar novos enquadramentos nas abordagens de tragédias e questiona as narrativas propostas por estes atores.

Referências

BRUNO, Fernanda. **Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede**. Revista Famecos, v. 19, n. 3, p. 681-704, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **O poder da comunicação**. Tradução: Vera Lúcia Mello Josceleyne. 1ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

Conselho Federal de Psicologia. **Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação / Conselho Federal de Psicologia**. - Brasília: CFP, 2011.

DANOWSKI, Déborah & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins – Desterro – Florianópolis – Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental**, 2014.

LEMOS, A. **Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 25, p. 52-65, jun. 2013.

LIMA, Venício A. de. **Cultura do Silêncio e democracia no Brasil: ensaios em defesa da liberdade de expressão (1980-2015)** – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

MALINI, Fabio e ANTOUN, Henrique. **A Internet e a Rua: Ciberativismo e Mobilização nas Redes Sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MALINI, Fabio. **Um método perspectivista de análises de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede**. XXV Encontro Anual da Compós, 2016.

MEDEIROS, Jean Maicon Rickes. **Um outro junho: o movimento #NaoVaiTerCopa, o diálogo no Twitter e as controvérsias sobre a Copa do Mundo de 2014**. 2016.

MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. 5ª edição. Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal** – 25ª edição – Rio de Janeiro: Record, 2015.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VALÊNCIO, Norma (org.). **Sociologia dos desastres – construção, interfaces e perspectivas no Brasil – volume II** – São Carlos: RiMa Editora, 2010.